

Apanhado no Agueiro

Apanhado no Agueiro

Orlando Lourenço Branco

Autor: Orlando Lourenço Branco
Design da capa: Orlando Lourenço Branco
Depósito legal nº 509510/22
ISBN: 9789403683324
© Orlando Lourenço Branco

Os meus agradecimentos à minha afilhada Maria Moreira Branco, à minha tia Maria dos Prazeres Lourenço e ao meu amigo Miguel Almeida. Sem eles, este livro estaria um pouquinho pior...

I

Naquela sexta-feira de agosto, demasiado quente para o habitual, o grupo voltava a reunir-se, desta vez para discutir o novo grande negócio. Desde há muito tempo desenvolviam projetos em comum, mas o António estava farto de tanto conflito e tinha ameaçado abandonar o grupo. Há vários dias que não aparecia, nem tão pouco nos momentos de convívio combinados, aos quais nem se dava ao trabalho de dar uma desculpa para não aparecer. Mas o grupo insistia nos convites.

Já todos tinham chegado ao Ti Zéi dos Caracóis, à exceção do António, o que deixou o Bigboss ansioso.

– Será que ele vem? Se ele se corta, estamos tramados. Ele anda mesmo chateado connosco.

– Logo agora que precisamos tanto dele. Se assim for, temos de arranjar alguém que o substitua. Não vai ser fácil. – desabafou o Vêndia.

Mas talvez ainda se conseguisse resolver a situação e convencê-lo a não sair. Agora, mais que nunca, havia que o manter no grupo. Era ele quem dominava a tecnologia que necessitavam para o que aí vinha, quem tinha sempre a solução para todos os problemas, quaisquer que fossem os desafios. Mas, tal como resolvia todos os problemas, também entrava constantemente em choque com o grupo, ou vice-versa. Dependia de quem comentava as situações. Fosse o ponto de vista dele ou o dos outros que estivesse correto, parecia ser no adeus que se dava o real valor a quem se ia embora.

Enquanto esperavam, bebiam umas cervejas e petiscavam uns caracóis, que só o Ti Zéi sabia fazer. O Sr. José, quando casou e abriu o seu negócio do café, começou a ser conhecido na comunidade por Ti Zé. Mas com a sua pronúncia, o ‘Zé’ soava a ‘Zéi’. E foi assim que o Sr. José passou de Ti Zé a Ti Zéi. O Ti Zéi era facilmente reconhecido pelo seu tique, o qual despoletava um salto repentino para trás, por quem estava à sua frente, seguido de uma gargalhada descontrolada, nas primeiras vezes que se lidava com ele, exceto os miúdos lá da terra. Esses riam sempre que o viam e não tinham a intenção de parar ou disfarçar, mesmo sob a ameaça de uma galheta por parte dos seus

progenitores. Periodicamente o Ti Zéi encolhia a cabeça, encaixando-a bem centrada entre os ombros e projetava-a, repentinamente, para a frente, virando-a de seguida para a direita, em moldes de guinada, retornando depois, lentamente, à posição inicial. Os miúdos chamavam-lhe “o novo sistema de coordenadas do espaço tridimensional: centro encaixado, frente e direita”. Enquanto ele traçava o novo sistema de coordenadas, quem estivesse mesmo à sua frente tinha a sensação que ia levar uma valente cabeçada. Quem não o conhecia punha-se de imediato em guarda e pulava para trás, soltando por vezes a dita gargalhada, ao constatar que não estava a ser atacado. De seguida, calava-se, de forma muito embaraçosa, ao se aperceber que ficavam todos a olhar para ele, intencionalmente sérios, pois nesta altura já se faziam apostas sobre quem ficaria mais embaraçado e quem teria melhores aptidões para executar saltos à retaguarda, com as respetivas consequências. Nos primeiros lugares da tabela classificativa estavam os concorrentes que derrubavam as mesas atrás de si, o que era injusto para os concorrentes em espaço aberto. Esse tique do Ti Zéi era tão mais notório quanto mais falava ou ficava nervoso e só não se manifestava quando ele estava alegre e feliz, pelo que diziam que ele seria um ser muito infeliz, a avaliar pelos raros momentos em que não manifestava o tremelique. Consta que um dia, na sua juventude, se teria juntado aos seus amigos para roubar melancias nas plantações lá da terra, numa noite de luar. Enquanto percorriam o terreno, cada um escolhendo uma ou duas boas melancias, foram surpreendidos, subitamente, por um dono enraivecido, munido de um machado na mão direita e uma faca de trinta centímetros na mão esquerda, aos gritos, “Se vos apanho, matovos!”. Desataram todos a correr pelo campo fora, tentando esconder-se ou escapar à fúria de um dono irritado, por ter descoberto que não eram os ratos, os pássaros ou os coelhos, que lhe levavam parte das colheitas. O Ti Zéi, na altura com dezasseis anos e conhecido por Zeca, sabendo que correr não era o seu ponto forte, mandou-se para o chão e ficou imóvel, tentando, assim, passar despercebido na sombra que uma árvore fazia com a luz refletida pela lua. Um dos amigos, ao se cruzar com ele enquanto fugia, confundiu a sua cabeça com uma melancia e enfiou-lhe uma tremenda biqueirada, bem no centro da nuca, deixando-o inanimado até cerca das sete da manhã, hora a que acordou cheio de frio, com formigueiro nos pés e uma enorme dor de cabeça. A partir desse fatídico dia o Ti Zéi passou a ser um dos

principais polos de atração lá na terra, aquando da chegada de visitantes, geralmente quando decorriam as tradicionais festas em honra do seu santo padroeiro. Dizia-se pelas redondezas que a “sesta” o tinha livrado de um mal bem maior. O dono, o Ti Maneiras, homem para um metro e noventa e cinco de altura, cento e quinze quilos de peso, equiparável a um monta-cargas carregado de mau humor, vinha com raiva e gana tais, que estava disposto a matar quem apanhasse pela frente. Era unânime em debates aos quais ele não assistia, no café, na casa do povo, ou até na rua quando os transeuntes se cruzavam e tentavam puxar conversa, que ele falava a verdade, não tivesse ele ido para o evento bem apetrechado de artilharia pesada e uma enorme motivação para a utilizar. Também era unânime nos debates que, conforme perseguia os ladrões, aquela imagem que lhe pareceu ser uma pessoa deitada, mas que não se mexeu quando se cruzou com ela, era o Ti Zéi, na altura Zeca, jazendo inanimado.

Nesse quente dia de agosto, não era só o grupo que se reunia para discutir o seu grande negócio. Também se juntavam, embora por coincidência e sem outra razão aparente que não fosse beber um café, um sumo ou uma cerveja, alguns dos protagonistas daquela saga, incluindo o dono das melancias. De vez em quando dava-se essa coincidência, em que o membro permanente era o Ti Zéi, já que era no seu café que se realizava o ajuntamento.

– O que eu corri atrás daqueles bandidos! – dizia o Ti Maneiras, ora sentado na sua cadeira, ora andando às voltas, de punho erguido e uma raiva imensa, enquanto salivava e expelia perdigotos que ninguém se atrevia a limpar das suas próprias caras, congelados que estavam, à exceção dos seus olhos que acompanhavam aquele enorme punho cerrado, enquanto ouviam, mais uma vez, a história ocorrida tantos anos antes. – Só vos digo, eu ia com uma gana tal para apanhar os gatunos que até me pareceu ver um deles, deitado no chão! Mas logo percebi que aquela imagem de uma pessoa era apenas uma impressão minha por não ter fugido quando me cruzei com ela. Mas parecia mesmo! Era sugestão, tal era a vontade que tinha em apanhar um deles a jeito. Ah! Mas como eu gostava que fosse um dos bandidos. Esventrava-o e obrigava-o a comer as suas próprias entranhas de seguida! A sorte deles foi eu ter-me distraído com essa confusão e aqueles bandidos escaparam todos.

Virando-se para o Ti Zéi, que esperava ansioso, mais uma vez, pelo desfecho da história, e cuja transpiração não se devia ao imenso calor de agosto, continuou.

– Ó Zeca, só te digo isto! Ainda hoje, se eu soubesse quem eram aqueles desgraçados, torcia-lhes o pescoço até ficarem piores que tu, rapaz!

Enquanto falava, o Ti Maneiras mantinha o olhar fixo no Ti Zéi. Depois calou-se por uns instantes. Um enorme silêncio provocou o pânico nas fileiras. Os tiques do Ti Zéi aumentaram, fazendo o excesso de suor, misturado com surro, saltar-lhe da testa e pingar a camisa aos quadrados do Ti Maneiras, o que deixou o Ti Zéi ainda mais nervoso.

– E hoje, então, estás demais, rapaz! – continuou o Ti Maneiras. – Sem ofensa, *hã*, que nós somos amigos. Conheço-te ainda eras tu um gaiato e és pessoa de bem. Eras um miúdo sempre muito bem comportado. O teu pai educou-vos bem. Por falar nisso, como é que ele está? Há muito tempo que não o vejo.

– Ó Ti Maneiras, é recíproco. – disse o Ti Zéi, que começava a ficar mais coradinho. – Vossemecê é sempre bem-vindo aqui e eu tenho muita estima por si. O meu pai, coitado, lá anda. Sempre a queixar-se com dores, de maneiras que já não é o mesmo. Está muito acabado, coitado. A idade não perdoa.

– A propósito, – disse o Ti Maneiras, observando o ambiente no café – há jogo de futebol, hoje? Isto está tudo tão caladinho.

– Não, Ti Maneiras. – disse o Ti Zéi, hesitando momentaneamente e voltando a polir o copo que tinha na mão. – Se fosse jogo de futebol a malta estaria aqui, cada um a defender o seu clube e a chamar nomes feios aos jogadores, como se isso os afetasse. Olhe! Estão todos preocupados consigo. Já passou tanto tempo e vossemecê nunca mais esqueceu isso, homem. Ainda lhe dá um fanico.

– Pois não! Imagina que eram cá da terra. Ainda se cruzam comigo e eu não sei quem são.

– Ó Ti Maneiras, deixe lá isso, homem. Olhe, cá para mim foi alguém de fora. Os da terra não faziam mal aos seus.

– Não sei... Isto era malta jovem. Nos dias de hoje não respeitam ninguém. No meu tempo tínhamos respeito. E ai de nós que nos atrevêssemos! Agora cada um acha que pode fazer o que quer. Vai da criação.

II

Não tardou muito até que o António chegasse e se sentasse na mesa redonda onde o aguardavam, desviando a atenção do grupo que acompanhava o desfecho da história do Ti Maneiras, passando a ser ele o centro das atenções. Ficou de frente para o Bigboss, que tinha preparado um grande discurso após uma prévia conversa por telefone na noite anterior. À sua direita estavam o Vêndia e o Mamen. Por detrás destes havia um balcão grande onde chegavam e saíam vários clientes para beber o seu cafezinho, ou uma imperial fresquinha, frequentemente acompanhada de caracóis, “Ai Ti Zéi, este molhinho, que maravilha! Traga mais pão.”. À sua esquerda olhavam, expectantes, o Mirror e o Teco. Atrás destes entrava um sol agradável pela porta aberta para a esplanada e por uma enorme janela com vista para a rua, por onde todos poderiam olhar e ver as pessoas que passavam, quando já não soubessem o que dizer uns aos outros.

O Bigboss insistiu para que se reunissem no café, local geralmente barulhento, o que permitia a todos falar à vontade e passar despercebidos. Falar em público sobre um segredo que deviam manter apenas para eles era a melhor forma de serem discretos, dizia. E dizia-o bem alto, enquanto observava pelo canto do olho a reação das gentes à volta.

– Então, o que se passou? – perguntou o António. – Ainda não foi desta que o Ti Zéi levou no focinho?

Todos sorriram, mas permaneceram mudos. Sabiam que, de certa forma, era o que o António desejava, embora não soubessem a razão. O Bigboss riu-se. Depois continuou com a conversa da noite anterior.

– Tu és mauzinho, pá! Bom! António, tu sabes como implementar os algoritmos da máquina e é disso que nós precisamos para termos a equipa completa. Também estamos a ver se conseguimos convencer o Tico a entrar novamente no grupo, mas teremos de ver, ainda, como convencê-lo a fazer as pazes aqui com o Teco, ou vice-versa, já não sei. Os trabalhos que temos feito têm corrido muito bem. Agora temos o desafio das nossas vidas. Penso que só tens a perder se não alinhares connosco.

– É por isso que aqui estou. Explica-te!

– Ouve! Eu já sei o segredo de produzir energia de forma barata e amiga do ambiente. Os tipos falaram demasiado. Estavam tão vaidosos a contar a ideia, que acabaram por falar mais do que deviam. Querem manter o segredo, mas não param de se exhibir.

– Pois! Ouvi dizer que há por aí gente assim.

– Oh pá! As pessoas andam tão cismadas na ideia de o dióxido de carbono ser muito prejudicial, que nem imaginam que pode ser absorvido da atmosfera e ser utilizado para produzir energia limpa, amiga do ambiente. E eu já sei como! É tão, mas tão simples! Com este processo fazemos a descarbonização do ar, a custo zero, e produzimos energia que serve para tudo. Matamos um coelho com dois tiros só!

– É ao contrário.

– Sim, com dois tiros só, matamos um coelho. Tu percebeste à primeira, mas adiante. Aqui o pessoal já está preparado e decidiram todos dedicar-se a este negócio a tempo inteiro. Só faltas tu decidir-te. Vê lá se alinhás, pá!

O António ouvia o Bigboss atentamente enquanto pensava na conversa que tiveram no dia anterior. Havia questões de convivência que não lhe agradavam e o deixavam muito desconfortável. Iria a situação mudar no futuro? Quanto ao novo projeto, parecia ser interessante, mas ao mesmo tempo surreal. Se era assim tão fantástico e fácil de implementar, porque nunca ninguém o tinha feito antes?

– Começamos por aplicar o sistema nos automóveis que tão bem conhecemos. – continuou o Bigboss. – Depois criamos departamentos para outras áreas. Temos um plano de trabalho que vamos apresentar ao Estado e às empresas interessadas, para obtermos apoios. Isto é fácil de vender. Toda a indústria vai querer. Eh pá, até rimou! Isto deve ser mesmo bom.

– Mais nove rimas e convences-me.

– Para isso precisamos de mais umas cervejas. Ti Zéi – disse o Bigboss, virando-se para o balcão – traga aí mais umas imperiais. Das que fazem rimar.

– Hã? Dessas não sei se tenho. Mas tenho aqui umas que fazem uma pessoa ficar bem-disposta. – disse o Ti Zéi enquanto preparava os copos. O Bigboss continuou o seu discurso.

– O Vêndia conhece meio mundo e vender é com ele. E este pessoal aqui, já sabes como são. Fazem qualquer coisa com as suas mãozinhas de artista. É verdade que te chateaste connosco algumas

vezes, mas isso pertence ao passado e não vale a pena estarmos com isso agora.

O António ficou estático no momento em que molhava o pão na travessa de caracóis, rodando apenas os olhos nas suas órbitas na direção do Bigboss, com uma expressão que fez todos ficarem também estáticos, a olhar para ele com muita atenção. Depois, ainda a segurar o pão na travessa, começou a falar num tom pausado.

– Olha lá! Se começas já com essa má atitude de me fazeres uma acusação e cortares a conversa após dizeres o que te convém, isto vai acabar mal.

– Hã? Calma pá! Tal como eu disse, isso pertence ao passado e não precisamos de falar mais sobre isso.

– Se não precisamos de falar, porque tocaste no assunto?

Para acalmar os ânimos e mudar de assunto, “Não é necessário falar mais sobre isso.” “Foste tu que tocaste no assunto.” “Para dizer que não precisávamos de falar.” “Para dizeres o que te convém e não ouvires o que não te convém.”, o Vêndia mandou vir mais umas moelas e voltou ao tema da reunião.

– Tenham calma! Amigos, vamo-nos focar nesta grande inovação, com a qual podemos ganhar muito dinheiro. Somos pioneiros, únicos a nível nacional. Imaginem só o sucesso que podemos ter! Quando apresentarmos um produto, todos vão querer. Só em Portugal somos dez milhões e toda a gente me pergunta quando é que temos isto pronto para vender.

– E tu tens tempo para responder a dez milhões? – perguntou o António, tentando tomar uma postura mais descontraída.

– Brincalhão. É uma força de expressão. Toda a gente vem ter comigo... Vá, agora a sério, todos com quem falo me questionam, clientes é coisa que não falta. Depois é pensar na expansão, na internacionalização. Podemos exportar e resolver o problema energético mundial.

– E resolver o problema de poluição do ar! Isto é feito à tua imagem pá! – disse o Bigboss, retomando o diálogo com o António. – Andas sempre absorvido com os problemas da poluição, um bocado exagerado às vezes, na minha opinião.

– Achas que eu sou exagerado?

– Calma, não foi isso que eu quis dizer.

– Foi exatamente isso que disseste, o que é estranho! Construímos máquinas para resolver o surto de problemas

respiratórios e agora já nem elas nos valem com o agravar das doenças!

– Então tens aqui a tua grande oportunidade para acabar com a poluição. E por falar em poluição, não eram horas de comprares uma coisita melhor que esse caixote?

– Se vamos ser assim tão ricos, talvez pense nisso depois. O carro é apenas uma máquina que existe para nos servir e este vai para onde os outros vão.

O Ti Zéi levantou a loiça vazia de cima da mesa. Depois, trouxe mais comida e bebida, para satisfação de todos.

– Oh pá! Lembrei-me agora. – disse o Mamen, com a boca cheia de pão e após beber a sua cerveja de um trago, despertando o interesse de todos. – A Ti Clotilde deixou lá o carro dela, para reparar. Coitada, quando lhe apresentei a conta...

– Não lhe sugeriste que pagasse com a filha? É toda jeitosa.

– Quem será o sortudo que lhe faz a manutenção? Deve ser algum sem conhecimentos técnicos para a coisa. Não se sai à mãe.

– E porque raio é que devia sair à mãe, se é para fazer a manutenção à filha?

– Não é ele, pá! É a rapariga que não se sai à mãe.

– Pois olha que a mãe devia ser bem gira em nova, mas a vida do campo dá cabo da pele a qualquer um. Mas ainda está ali para as curvas.

– Eu dava uma curva era com a filha.

III

– António – continuou o Bigboss, retomando o assunto do negócio – penso que devias entrar na sociedade connosco. Para além da equipa que tão bem conheces, há mais alguns pormenores que ainda não te disse.

– Conta...

– Também temos investidores interessados. Estão dispostos a pagar bem e vão adiantar já algum dinheiro para as despesas. Se quiseres entrar na sociedade, é uma coisa. Senão, tu desenvolves a tua parte e toda a despesa é paga pela gente.

– Por nós...

– Então? Sempre aceitas fazer sociedade com a gente?

– Não... Esquece! Estava cá a pensar numa coisa.

– Estás a ver, pá? É isto que chateia em ti. Queixas-te aqui da malta, mas combinas uma coisa e logo a seguir voltas atrás. Até parece que é de propósito para chatear. Isto é um assunto sério, pá! Decide-te!

– Ouve, apenas te quis dizer que não é pela gente que se diz. É por nós.

– Fosca-se! Já só cá faltava essa. Que irritante pá! Primeiro combinas uma coisa e desistes logo a seguir. Agora também me queres ensinar a falar? O que é que vem a seguir? Deixa adivinhar... Não consegues entender as atitudes aqui do pessoal, que só cria confusão, é isso? Eh pá, decide-te lá. Se não queres, tudo bem. Mas o melhor é decidires-te já.

Num misto de sentimento de culpa, por não se conseguir fazer entender, e o desconforto pelo hábito de acabarem sempre em discórdia, o António pensou um pouco, cabisbaixo, enquanto todos olhavam para ele com olhar de reprovação. Depois, olhando apenas para a colher que movia entre os dedos, pronunciou-se a respeito da sua decisão, num tom de voz baixo e pausado.

– Desculpa. Tens razão. Talvez seja melhor ficarmos por aqui. Nós vamos acabar mesmo por nos chatear. É sempre assim.

– Oh, então? Estás parvo? Deixa-te lá disso, pá! Ouve, estamos aqui a falar. O que é preciso é a gente entender-se.

– Nós...

– Sim?...

– Bom, vamos lá a entender-nos. Não sei se me interessa a ideia da sociedade. Explica melhor essa ideia de absorver dióxido de carbono e criar energia. Já tinha visto notícias a dizer que a tecnologia sairia no ano seguinte e no ano seguinte dizia que sairia no próximo. Até agora ainda não vi nada.

– Não viste, mas podes ver agora. E o melhor é que é por nós.

– Nós, finalmente.

– Estás a ver? É isso mesmo. Nós é que vamos fazer a máquina.

– Sim, isso também me agrada.

– Hã? Também? Que raio... Bem pá, estamos a falar da mesma coisa? Às vezes parece que estás a dar um sentido diferente à conversa. Ainda te queixas de não entender a malta. Ouve, a gente

pode fazer isto e seremos os primeiros. O que é que decides? Tens que tomar uma posição.

Momentaneamente, o António ficou sem os ver e sem os ouvir. Apenas lhe passavam à frente alguns retalhos de acontecimentos aquando da sua entrada no grupo.

IV

Nessa época, para o problema do excesso de poluição do ar, que provocava graves problemas respiratórios, não havia comprimidos milagrosos que lhes valessem, “Já tomei três *Primosiston* seguidos e, mesmo assim, continuo com falta o ar.”. A solução seria criar uma forma de assistência artificial, que permitisse às pessoas respirar. O grupo decidiu, então, fazer uma máquina, única e inovadora, à qual, depois de muitas sugestões dadas, atribuiu o nome de *High-Tech Oxygen Easy Breathe System*. Ao apresentá-la publicamente, a *cagança* com que pronunciavam o nome, contrastava com a cara de interrogação que o público fazia, “Como diz?”. Percebendo que repetir o nome, vezes sem conta, apenas despertava no público a aptidão para fazer de estátua viva, o grupo decidiu mudar, temporariamente, o nome da máquina para “ventilador” e depois alguém iria pensar num nome mais sonante e que fizesse mais sentido. O Vêndia, bom orador, foi o porta-voz e explicou as características principais da máquina, “Ao colocar a máscara na cara, ligamos a máquina neste botão verde. Desta forma, a máquina produz, de forma automática, a exata quantidade de oxigénio que será encaminhada aos pulmões. O utilizador pode escolher o sabor que mais lhe agrada, numa lista de dez sabores distintos, desde morango a vodka melão, sem adição de açúcar ou conservantes. Também tem ligação à *internet* e permite ver filmes no ecrã, enquanto respira confortavelmente.”. Como era uma simples apresentação, foram mostradas as únicas funcionalidades que implementaram à data e que o grupo esperava que agradasse ao público: um menu com a lista dos sabores que estariam disponíveis no futuro, o filme *Pátio das Cantigas*, versão de 2015, copiado ilegalmente, e umas luzinhas que indicavam o estado em que a máquina supostamente se encontraria, mas que apenas criava confusão na cabeça das pessoas, “Então e se aquela luzinha amarela

acender, faço o quê? Desculpe, mas já me esqueci.” Para os sabores a escolher, visto que a máquina tinha o menu de seleção, mas ainda não estava funcional, a equipa trouxe muitos pacotinhos que distribuía à audiência, enquanto explicava os procedimentos e o entrevistador comentava ou questionava, “Pode escolher um e provar, são estes os sabores que estarão disponíveis quando utilizarem a máquina para respirar confortavelmente.” “Então, mas não é melhor sentir apenas o sabor do oxigénio?” “Caro senhor, o oxigénio não tem sabor, pelo que podem escolher estes sabores, sem açúcar, corantes ou conservantes.” “Não tem sabor? Claro que o oxigénio tem sabor! Experimente ficar cinco minutos sem respirar, a ver se depois o oxigénio não lhe vai saber bem.”

A apresentação foi um sucesso. Restava produzir a máquina. A ideia das funcionalidades da máquina ficou a cargo do Mamen, com o Mirror a intervir com sugestões em forma de cooperação, mas que mais não eram que uma disputa entre os dois para ver quem conseguia protagonismo. O Bigboss, sabendo que havia um miúdo muito bom naquela coisa dos computadores, matéria necessária, mas sobre a qual ninguém do grupo entendia, desafiou-o para dar apoio na realização da máquina, “A máquina já está toda feita, agora faltam apenas alguns pormenores para a acabar.”. O António aceitou o desafio e passou a ser o apoio para o que fosse necessário. Assim que começou a resolver os supostos pormenores em falta, constatou que aquilo não passava de uma caixa com um ecrã, luzinhas e pacotes de sabores fora da máquina e fora de prazo. Ao questionar o Mirror e o Mamen sobre o que queriam que ele fizesse, eles fugiam sempre, pois não faziam a mínima ideia sobre o que responder. Depois tentava expor a situação ao Bigboss, que voltava a afirmar que faltavam apenas umas coisitas, “Está quase tudo feito. O Mamen e o Mirror explicam-te tudo.”. O Vêndia reclamava com todos, “Mas isso nunca mais está pronto? Já vendi várias máquinas e não tenho nenhuma para entrega.”. Periodicamente, o Mirror e o Mamen reuniam com o António, explicando-lhe que ele teria de fazer tudo como eles diziam, embora só mais tarde lhe diriam o quê. Mas que ficasse claro que queriam uma “cena” bem feita! Quando, finalmente, pegavam no assunto, passavam a explicar de inúmeras maneiras e com enorme empenho coisas que não tinham nada a ver com as dúvidas do António, mas que eram as únicas coisas que eles sabiam, o que lhes dava um imenso sentimento de dever cumprido, já que, ao falarem

com determinação e tendo a atenção do António, confundiam a impossibilidade de ele os trazer para o foco do tema, com a envolvente de aprendizagem que parecia estar-se a desenvolver. De vez em quando contavam anedotas parvas para descontrair. O António questionava-os constantemente sobre o que eles queriam que ele fizesse, “Mas... E a máquina? A máquina! O que querem que eu faça?”. Após duas horas naquilo, eles reparavam que já tinham perdido imenso tempo com aquele assunto, pelo que a reunião teria de ficar por ali, “Duas horas a explicar isto também é demais! Há outras tarefas importantes a tratar.”. Ao fim de dois meses a ouvir o Vêndia a reclamar que ninguém “ligava àquilo” e a ver o Mamen e o Mirror a evitar a situação, o António questionou-os novamente, em jeito de ultimato. Como já não podiam fugir mais e continuavam a não saber o que responder, agora ambos diziam que aquilo não fazia sentido nenhum e nem sabiam como fazer a máquina, de tão complicada que era. Perante tal atitude, o António tomou a iniciativa de implementar a máquina sozinho, o que comunicou ao Bigboss que, a partir desse momento, passou a cobrar-lhe diariamente, com retroativos por todo o tempo passado, pelo facto de estar a demorar demasiado, “Ok! Mas despacha lá isso. Já passaram dois meses e ainda não vi nada feito!”. Também, a partir desse momento, o Mamen e o Mirror passaram a interferir o tempo todo, ao que se juntaram os restantes elementos do grupo. Com todos a interferir nos seus afazeres, o António ficava perante a situação de escolher uma, de duas opções: fazer como eles diziam, o que dava asneira e o obrigava a refazer tudo mais tarde, ou recusava as ideias deles, o que originava discussões que se prolongavam no tempo, ao ponto de perder exatamente o mesmo tempo que teria perdido se tivesse aceitado as opiniões. De maneira que alternava entre as opções.

Mais tarde, completamente farto das interferências de todos, o António tentou chamar à atenção do Bigboss que eram eles que prejudicavam o trabalho e reclamavam depois por ele estar a demorar imenso tempo para concluir as tarefas. O Bigboss escutou com muita atenção o seu desabafo e decidiu mudar a equipa de modo a ser mais bem organizada. O Mirror e o Mamen passaram a ser os gerentes e, como tal, eles que organizassem o trabalho. O António reclamou, “Mas esse suposto trabalho de equipa é o que já existe e é o que estou a dizer que está mal.” “Eu sei de tudo. – disse o Bigboss. – Eu estou a par do que tem corrido mal. O Mamen já me contou. Eles andavam

ocupados com outras tarefas, pelo que te delegaram essa responsabilidade. Não tiveram tempo para te ajudar e por isso andas um pouco perdido. Mas não é preciso lavar roupa suja agora. O que importa é daqui para a frente.”. A desilusão preencheu o rosto do António, «ora bolas! Falei com eles em privado para resolver os nossos diferendos, eles anteciparam-se a criar uma versão para contar ao Bigboss e agora vou ter que aguentar. O primeiro a fazer queixa ganha. Eu chego sempre atrasado».

V

Perante estes pensamentos, o António bebeu o resto da sua cerveja, enquanto tomava a sua decisão, levantou a cabeça e pôs o grupo ao corrente.

– Tenho de pensar melhor no assunto. Para me dedicar a este projeto tenho de perceber primeiro como funciona e, se acreditar nisto, dedico-me a tempo inteiro. Também não quero interferências no meu trabalho. De qualquer forma, o que precisarem que eu implemente, faço-o e pagam-me o serviço.

– Claro que sim! – disse o Bigboss. – Dinheiro não é problema. Mas não te esqueças que isto é trabalho de equipa e tens que prestar contas à malta. Quanto à máquina, a nossa ideia é copiá-la. Temos máquinas que podemos dar-te para as copiares, é só o que tens de fazer. O mais complicado está feito, o Mamen já fez quase tudo. Agora só tens de copiar as que compramos aos tipos e apoiá-lo.

– Outra vez?

– Outra vez, o quê?

– Tenho uma impressão que já ouvi isto no passado. – continuou o António. – Mas já fez o quê? E que máquinas são essas que compraram?

– Negociámos com os tipos e eles venderam-nos duas máquinas. – continuou o Bigboss. – Depois descreveram-nas ao pormenor. Nós instalámos uma num cruzeiro e funciona, mas tem algumas falhas. De vez em quando desprograma-se e lá temos de ir ver o que se passa. Depois pomos a máquina a funcionar novamente, aquilo dá bom resultado, mas não por muito tempo. Mais tarde acaba por se